

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## COMO PESQUISAR AUTORAS MEDIEVAIS

## HOW TO RESEARCH MEDIEVAL WOMEN AUTHORS

Luã Áquila Ferreira de Freitas<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo e a pesquisa de mulheres autoras é difícil, considerando uma série de questões que se alastram e reverberam um olhar misógino dentro e fora da academia. Observamos, de um modo geral, a escassa presença de autoria feminina nos currículos universitários e nos currículos do ensino básico. Ora, mulheres existem e existiram no decorrer da humanidade, produzindo escrita e intelectualidade. No minicurso ministrado, enfocamos nas dificuldades e problemáticas de se realizar estudos de autoras medievais. Além disso, focamos em diferentes estratégias que possibilitam a execução de tais estudos. Em minha trajetória, pessoal e enquanto pesquisador e acadêmico, houve um interesse profundo pela escrita de mulheres do período medieval. Esse interesse se deu de modo concomitante com a revolta pela indisponibilidade e dificuldade em acessar esses escritos, considerando a falta de tradução e de acessibilidade virtual e física dos livros e textos, de um modo geral. Dentro desse cenário e, agora, ao final de um doutoramento de escrita religiosa de autoras medievais, foi necessário encontrar maneiras, recursos, estratégias, etc. para a realização dos estudos acima mencionados. Encontramos, ainda, dificuldades e truncamentos na recepção crítica dos escritos de autoras mulheres do período medieval, algo que, também, enfocamos em nosso diálogo. O minicurso teve um caráter expositivo e dialogado, que contou com a presença de uma exposição acerca da realização de pesquisas sobre autoras medievais, seguido de diálogos com as participantes do curso. Assim sendo, proponho um diálogo acerca de diferentes caminhos e possibilidades para a realização de pesquisas de autoras medievais.

**Palavras chave:** Idade Média. Mulher. Misoginia. Autoria Feminina.

**Abstract:** The study and research of women authors is difficult, considering a series of issues that sprawl and reverberate a misogynistic view inside and outside of academia. We observe, in a general sense, the scarce presence of female authorship in the university curriculum and in the basic education curriculum. Now, women exist and have existed throughout humanity, producing writing and intellectuality. In the minicourse ministrated, we focused on the difficulties and problematics of performing studies of medieval women authors. Beyond that, we focused on different strategies that allow the execution of such studies. In my personal, scholar and academic trajectory, there was a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Possui Mestrado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás e título de Bacharel em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Realiza pesquisas sobre a Mulher e a Misoginia na Literatura, especificamente no Período Clássico (grego e romano) e na Idade Média. No momento, pesquisa a escrita religiosa de mulheres autoras da Idade Média.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

profound interest in the women writings in the medieval period. This interest happened in a concurrent mode with the revolt of the unavailability and difficulty in accessing these writings, considering the lack of translation, and physical and virtual accessibility of the books and texts, in a general mode. Inside this scenario, and, now, at the end of a doctorate of religious writings of medieval women authors, it was necessary to find ways, resources, strategies, etc. to perform the studies aforementioned. We find, also, difficulties and truncations in the critical reception of the writings of women authors of the medieval period, something that we also focused on in our dialogue. The minicourse had an expository and dialogue character, that counted with the presence of an exposition about the performing of researches of medieval women authors, followed by dialogues with the participants of the course. Therefore, I propose a dialogue about different paths and possibilities for the performance of researches of medieval women authors

**Keywords:** Middle Ages. Women. Misogyny. Female Authorship.

## **Introdução**

Existem múltiplas problemáticas na realização da pesquisa de escrita de autoras do período medieval. Para além das complicações políticas e estruturais, que acarretam na exclusão dessas autoras dentro dos currículos universitários, temos uma dificuldade na acessibilidade das obras, no sentido de existirem poucas publicações, poucas traduções, pouca disponibilidade física e virtual dos textos. Para ilustrar algumas das dificuldades de pesquisa de autoras do período medieval, gostaria de, brevemente, relatar a minha experiência de pesquisa de doutorado para, posteriormente, tratar de algumas questões que dizem respeito ao estudo aqui proposto e, por fim, focar em alguns recursos e instrumentos utilizados para superar os empecilhos iniciais de pesquisa.

Ao voltarmos nossa atenção para a escrita de mulheres que existe, ou seja, a escrita que, apesar de todos os impedimentos históricos e sociais, existe e chegou até nós, entendemos que autoras mulheres escreveram nos mais diversos períodos históricos. A Idade Média apresenta uma vasta amplitude de autoras mulheres que escreveram textos de ficção e de não-ficção. A questão é: por que esses textos não chegam até a maior parte das pessoas, incluindo pessoas letradas, especializadas e ávidas na realização de leituras ficcionais e não-ficcionais?

# **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

A necessidade de estudos sobre os escritos de mulheres autoras da Idade Média se dá por questões históricas, literárias e políticas. Em termos de história e de historiografia, há uma defasagem de estudos na área. É abismal o quão pouco contato temos com os escritos de mulheres autoras do período medieval. Eu mesmo apenas tive contato com esses escritos por interesse próprio. Durante a graduação e o mestrado, nunca lidei com esses textos.

Em termos literários, essas obras fazem parte da literatura medieval e dialogam com a época e com a produção literária da época. Seu estudo contribui para que possamos ter um entendimento mais abrangente da literatura medieval, da autoria feminina e do fenômeno literário como um todo. Com relação aos estudos de gênero, os escritos de autoras mulheres da Idade Média situam questões de gênero e de enfrentamento de preconceitos de gênero que devem ser consideradas para um entendimento mais profícuo da área.

Politicamente, o estudo de mulheres e de escrita de mulheres traz esses sujeitos para dentro da história, contrariamente ao cânone com o qual estamos acostumados, que privilegia obras de autores que são, via de regra, homens brancos. É importante considerarmos sempre que as mulheres existem e existiram durante o decorrer da história. Mais ainda, mulheres produzem e produziram cultura e intelectualidade de boa qualidade, que dialoga com o mundo, com a história e com as produções culturais e literárias como um todo. Além de ser politicamente violento e intelectualmente desonesto, a falta de estudos de obras de autoras mulheres é, acima de tudo, estúpido.

## **Desenvolvimento**

Inicialmente, minha pesquisa de doutorado abarcava sete autoras que produziram durante a Idade Média antes, durante e depois do século XII. O século XII fora eleito devido ao Renascimento da Idade Média, que modificou o modo de pensar e a produção intelectual medieval de modo fortemente identificável. Além de ter havido um maior espaço para a escrita secular durante e após o século XII de um geral modo, houve um aumento na escrita religiosa e secular de mulheres, que veio acompanhado de uma forte corrente antimatrimonial.

# **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Inicialmente, as autoras escolhidas foram Dhuoda (824 - 844), Rosvita de Gandersheim (935 - 1002), Hildegard de Bingen (1098 - 1179), Marie de France (1160 - 1215), Juliana de Norwich (1342 - 1430), Christine de Pisan (1363 - 1431) e Margery Kempe (1373 - 1438). A pesquisa ainda trata de todas as sete autoras de modo mais geral, mas o foco da pesquisa são as autoras Juliana de Norwich (1342 - 1430) e Margery Kempe (1373 - 1438), considerando que ambas produziram em língua inglesa, em períodos históricos próximos e em locais geográficos próximos. Indo além, ambas possuem escrita religiosa que se caracteriza de maneira peculiar e diferenciada entre uma e outra autora. Nesse sentido, e sendo este um estudo comparado, é interessante observar obras produzidas por duas mulheres, em período histórico e lugares geográficos próximos, que se configuram em textualidades muito diferentes.

O problema de pesquisa, de maneira sucinta, é: como que a escrita religiosa de mulheres na Idade Média dialoga com a literatura medieval e com a literatura misógina?; e de quais maneiras a escrita religiosa de mulheres na Idade Média influenciou e dialogou com a cultura literária medieval e a cultura literária misógina?

Até o momento da qualificação, minha tese de doutorado era uma pesquisa crítica e comparativa entre a obra *Revelações do amor divino*, de Juliana de Norwich, e a obra *O livro de Margery Kempe*, de Margery Kempe. O foco da pesquisa era observar as igualdades e diferenças presentes nos dois textos, considerando que se tratam de textos escritos em proximidade histórica, geográfica e temática. Para além disso, a pesquisa enfocava em observar de qual modo as duas autoras lidam com os discursos misóginos que se alastram durante o período medieval, enfocando nos modos de repercussão desses discursos em um cenário de fim da Idade Média, tendo em vista que a pesquisa se dá na passagem do século XIV para o século XV. Observei que existem temáticas e recursos linguísticos e retóricos análogos aos dois textos e, também, aspectos de grande contraste que se dão por uma multiplicidade de questões que são exploradas no decorrer da tese.

No atual momento, muito daquilo que fora proposto inicialmente e até o momento da qualificação se mantém. O que mudou, de fato, é que o maior foco da pesquisa, hoje, é a

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

tradução inédita do Livro de Margery Kempe. Ainda busco contrastar a escrita de diferentes autoras, observando as igualdades e diferenças, busco observar o modo como algumas autoras medievais lidaram com os discursos misóginos da época, discuto questões de gênero e de escrita de mulheres na Idade Média, etc., mas o trabalho passou a se caracterizar muito mais como um trabalho de tradução. A tradução é grandemente norteadas pelas reflexões que foram feitas no decorrer da pesquisa e que estão presentes na tese.

Gostaria de esclarecer alguns conceitos utilizados na minha pesquisa e no decorrer do minicurso que fora ministrado por mim. Primeiramente, é importante elucidar o que entendo por Idade Média. Assim sendo, conforme Umberto Eco (2010) aponta,

Devemos, pois, tratar a história da Idade Média na convicção de ter havido muitas «idades médias» e, se a alternativa passa pela adoção de uma data também ela excessivamente rígida, que, pelo menos, tenha em consideração algumas viragens da história. É assim que costuma distinguir-se a alta Idade Média, que vai da queda do Império Romano ao ano 1000 (ou, pelo menos, a Carlos Magno), uma Idade Média de transição, a do chamado renascimento depois do ano 1000, e finalmente uma baixa Idade Média que, apesar das conotações negativas que a palavra «baixa» poderá sugerir, é a época gloriosa em que Dante conclui a Divina Comédia, Petrarca e Boccaccio escrevem e floresce o humanismo florentino. (ECO, 2010, p.6, p.i.)

Além da definição de tempo medieval, é importante frisar que tratamos de Idade Média dentro de um cenário europeu, o que suscita a necessidade de definir o que seria a Europa e quando foi o seu surgimento. Jacques Le Goff (2007) considera o surgimento da Europa tendo ocorrido entre o século IV e V, conforme evidenciado abaixo.

O surgimento da Europa, que doravante seguiremos, realizar-se-á através de dois fenômenos essenciais desse período dos séculos IV e V. O primeiro desses fenômenos é a elaboração, na linha da Bíblia e do Novo Testamento, do essencial da doutrina cristã que os Padres da Igreja vão legar à Idade Média. Aqui não é o lugar de apresentar a personalidade e a obra desses cofundadores do cristianismo. Insistirei em dois deles porque o seu peso será grande na elaboração de uma cultura europeia. O primeiro, São Jerônimo (c. 347-420), cuja vida situa-se ainda na interseção do Ocidente com o Oriente onde viveu durante longo tempo como eremita, não está completamente ligado ao futuro da Europa, mas o retenho aqui para esta obra essencial, a tradução para o latim a partir do texto hebraico da Bíblia por cima da tradução

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

grega anterior dita dos Setenta e considerada defeituosa. Essa Bíblia latina vai impor-se a toda a Idade Média com diversas revisões, sendo a mais interessante a realizada no começo do século XIII pela Universidade de Paris sobre a recensão, no século IX, do conselheiro anglo-saxão de Carlos Magno, Alcuíno. É a Vulgata.

O outro Padre da Igreja essencial é Santo Agostinho (354-430). Depois de São Paulo, Santo Agostinho é o personagem mais importante para a instalação e o desenvolvimento do cristianismo. É o grande professor da Idade Média. Aqui citarei apenas duas obras suas que são fundamentais para a história europeia. A primeira são as lembranças de sua conversão publicadas sob o título de Confissões, que não serão apenas uma das obras mais lidas da Idade Média, mas são também, em longo prazo, o ponto de partida até hoje da longa série de autobiografias introspectivas.

A outra grande obra é tão objetiva quanto as Confissões são subjetivas, é A Cidade de Deus escrita após a pilhagem de Roma por Alarico e seus godos em 410. A partir desse episódio, que aterrorizou as antigas populações romanas e as novas populações cristãs, e que levou a crer na proximidade do fim do mundo, Agostinho rejeita os medos milenaristas, remetendo o fim dos tempos para um futuro somente conhecido por Deus e provavelmente distante, e estabelecendo o programa das relações entre a Cidade de Deus e a Cidade dos homens, um dos grandes textos do pensamento europeu por séculos. (LE GOFF, 2007, p. 30 e 31)

O estudo da misoginia no período medieval abarca o estudo do cristianismo e dos diferentes arquétipos, signos, lendas e histórias que fundaram e que permearam o cristianismo. Ora, além de sua forte presença circunscrita no tempo histórico medieval, o cristianismo, juntamente com o seu legado patrístico (assim como as ramificações literárias e artísticas de ambos), constitui um pilar central nos discursos e nas práticas misóginas. Nesse sentido, a investigação acerca da misoginia medieval pressupõe a necessidade de um aprofundamento maior no cristianismo e nas prescrições para mulheres e homens dadas pelos Padres da Igreja Católica.

É importante chamar atenção para o fato de que, Howard Bloch (1995), ao escolher o período medieval para tratar da misoginia se dispõe à uma dupla missão. O autor explora o que seria a misoginia e os dados e registros dos discursos e das práticas misóginas presentes no medievo e, ao mesmo tempo, procura demonstrar que a misoginia não possui uma história

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

interna, no sentido de ter um início, um meio e um fim, diferentemente do amor romântico ocidental. Daí o subtítulo do livro. Ao demonstrar as maneiras como as mulheres e o feminino figuram na cultura do período medieval (no caso, como figuram mesmo, considerando que aparecem de maneira sobredeterminada, de um tal modo que são excluídas da história e demasiadamente generalizadas), o autor relaciona como o elogio ao feminino, que melhor se expressa na imagem da Virgem Maria, se dá na construção de um amor romântico ocidental. Ao realizar tal feito, o pesquisador elucida a inexatidão de uma história interna da misoginia, demonstrando que o seu estudo pode ser dado em diferentes épocas e locais geográficos, até porque, a misoginia se apresenta como extremamente perniciososa, estando presente em múltiplas culturas e períodos históricos.

O discurso da misoginia é tão persistente na Idade Média que a uniformidade de seus termos fornece uma ligação importante entre este período e o presente, impondo ainda mais o assunto porque, como veremos, tais termos ainda governam (conscientemente ou não) as formas pelas quais é concebida a questão da mulher – tanto por mulheres como por homens. Este não é, de modo algum um ponto óbvio, e, para amarrá-lo, irei reportar-me não só aos antifeministas canônicos da Idade Média, mas também aos seus herdeiros espirituais – os filósofos, romancistas, especialistas médicos, cientistas sociais, e críticos do século XIX, cujo tipo particular de romantismo e de misoginia naturalista carrega consigo uma extensa carga de atitudes não examinadas do passado medieval e mesmo patrístico. (BLOCH, 1995, p. 14)

Então a ideologia sexista frequentemente consistirá em suposições, crenças, teorias, estereótipos, e narrativas culturais mais amplas que representam homens e mulheres como importantemente diferentes em maneiras que, se verdadeiras e conhecidas como verdadeiras, ou ao menos prováveis, fariam pessoas racionais mais inclinadas a apoiarem e participarem em arranjos sociais patriarcais. A ideologia sexista também abrange retratos valorativos de arranjos sociais patriarcais como sendo mais desejáveis e menos carregados, decepcionantes ou frustrantes do que eles podem ser na realidade. Enquanto que, da maneira como eu tenho definido misoginia, ela funciona para policiar e reforçar uma ordem social patriarcal sem necessariamente passar pela via das suposições, crenças, teorias e valores das pessoas, e assim por diante. A misoginia serve para promulgar ou trazer relações sociais

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

patriarcais de maneiras que possam ser diretas e mais ou menos coercitivas. (Tradução minha.)<sup>2</sup>

Dentro do contexto anteriormente apresentado, gostaríamos de apontar algumas possibilidades metodológicas para o estudo de mulheres autoras da Idade Média. Nesse sentido, apontaremos alguns caminhos, algumas obras e algumas escolhas metodológicas e de enfoque (temático, histórico, antológico, etc.). Nesse sentido, apontamos inicialmente a pesquisa de cunho histórico e historiográfico. Nesse tipo de pesquisa, a sequência que se segue costuma ser, muitas vezes, focada no tempo e no desenvolvimento cronológico dos acontecimentos. Existem, também, obras de cunho histórico e historiográfico que focam em aspectos temáticos, por exemplo. Não é necessário que esse tipo de pesquisa se caracterize tendo um norteammento de tempo cronológico, embora o tempo cronológico e o contexto histórico e social tenham, geralmente, uma grande protuberância nesse tipo de pesquisa.

Uma forma de pesquisa que se mostra muito presente no estudo de mulheres autoras da Idade Média é a antologia, onde se agrupam estudos de diferentes autoras ou de diferentes textos em um único volume editorial. Destacamos as obras *Women Writers of the Middle Ages* (1984), do Peter Dronke e *The History of British Women's Writing, 700-1500* (2012), organizado pela Liz Herbert McAvoy e pela Diane Watt. No caso do último, se trata de uma coleção que busca compilar a história de mulheres autoras britânicas em diferentes períodos históricos, o que caracteriza a obra, também, como uma coleção. Outra coleção de obras que destacamos é a coleção *The New Middle Ages*, pela editora Palgrave Macmillan.

Geralmente, os estudos de mulheres autoras da Idade Média trazem aspectos gerais da época, do contexto histórico e social, etc. e seguem para aspectos mais específicos a depender

---

<sup>2</sup> So sexist ideology will often consist in assumptions, beliefs, theories, stereotypes, and broader cultural narratives that represent men and women as importantly different in ways that, if true and known to be true, or at least likely, would make rational people more inclined to support and participate in patriarchal social arrangements. Sexist ideology will also encompass valorizing portrayals of patriarchal social arrangements as more desirable and less fraught, disappointing, or frustrating than they may be in reality. Whereas, as I've defined misogyny, it functions to police and enforce a patriarchal social order without necessarily going via the intermediary of people's assumptions, beliefs, theories, values, and so on. Misogyny serves to enact or bring about patriarchal social relations in ways that may be direct, and more or less coercive. (MANNE, 2018, p. 79. Grifos da autora.)



# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

das escolhas de enfoque dos pesquisadores. Esse enfoque pode ser comparativo - e geralmente é -, pode ser de recepção dos textos produzidos no período medieval, etc. Listo abaixo algumas referências basilares em minha pesquisa.

BLOCH, R. H. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DRONKE, P. **Women writers of the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

DUBY, G. **As damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ECO, U. **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Alfradige, Publicações Dom Quixote, 2010.

FONSECA, P. C. L. **Mulher e misoginia na visão dos Padres da Igreja e do seu legado medieval: estudo e leitura de textos fundamentais**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2017.

WILSON, K. (org.). **Medieval women writers**. University of Georgia Press: Athens, 1984.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MANNE, K. **Down girl: the logic of misogyny**. New York: Oxford University Press, 2018.

THURER, S. **The myths of motherhood: how culture reinvents the good mother**. New York: Houghton Mifflin Company, 1994.

Gostaria de apontar, agora, algumas ferramentas virtuais que auxiliam a pesquisa de mulheres autoras da Idade Média. A primeira ferramenta é de análise de frases em latim, que está no site <https://www.latin-is-simple.com/en/analysis/>; depois, temos um tradutor de latim, que está no site <https://www.m-translate.com/translator/latin>; após isso, recomendo a utilização de dicionários de inglês para português, tanto o da Cambridge como o da Oxford, que estão, respectivamente, nos sites <https://dictionary.cambridge.org/pt/> e

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/>; sites para pesquisa e download de artigos, livros, etc. eu recomendo o Library Genesis, que está no site <http://libgen.rs/>, o Project Gutenberg, que está no site <https://www.gutenberg.org/>, o Robbins Library Digital Projects, que está no site <https://d.lib.rochester.edu/>, o Project Muse que está no site <https://muse.jhu.edu/>, e o Google Acadêmico, que está no site <https://scholar.google.com.br/>; recomendo, também, o MIT Open Courseware, que agrupa diferentes links para sites que auxiliam na pesquisa de autoras mulheres da Idade Média e que está hospedado no site <https://ocw.mit.edu/courses/211-460-medieval-literature-medieval-women-writers-spring-2004/pages/related-resources/>.

## **Conclusão**

O objetivo do trabalho foi a realização de um estudo crítico e comparativo da obra *Revelações do amor divino*, de Juliana de Norwich e da obra *O livro de Margery Kempe*, de Margery Kempe. Assim sendo, busquei minuciar as duas obras, considerando as possibilidades da bibliografia acerca das autoras e das obras que, conforme fora mencionado anteriormente, apresentam uma série de limitações metodológicas para seu estudo sendo, mais notadamente, uma grande limitação a falta de traduções para o português.

Essa dificuldade inicial foi contornada por mim, considerando que possuo proficiência em língua inglesa (comprovada com certificação da Cambridge, diga-se de passagem). Falar de proficiência medida por exames é pouco quando pensamos em pesquisa histórica e literária e, nesse sentido, sinto segurança no entendimento de que possuo proficiência suficiente para a realização de pesquisa acadêmica em língua inglesa, entendendo que se trata de um lugar de privilégio, considerando que a falta dessa proficiência acarretaria na impossibilidade de realização do trabalho.

A maior parte da bibliografia presente em minha pesquisa de doutorado é em língua inglesa. Se trata de uma bibliografia densa, com utilização de vocabulários específicos para

# **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

determinados momentos históricos e para tratar de determinados temas, o que encaminha para uma dificuldade linguística para além da questão português-inglês. Trato aqui, do jargão científico, histórico e teológico presente na bibliografia estudada, o que, muitas vezes, se apresenta como um trabalho investigativo em si, a exemplo de possíveis incoerências na tradução se mostrando latentes quando o olhar não se aloca para uma perspectiva histórica que preza por uma tradução que valora a compreensão semântica em detrimento de outros elementos.

Eu adoraria ter o luxo do me deter na tradução de modo auspicioso, tendo a possibilidade de recheiar minhas traduções de notas, comentários, etc., buscando melhor informar o meu leitor acerca das minúcias que ficam aquém do exercício de tradução que aqui apresento. Infelizmente, isso não é possível por uma série de questões, dentre as quais destaco a indisponibilidade de tempo, considerando a necessidade de cumprimento de prazos e a indisponibilidade de recursos financeiros, considerando a falta de bolsas e financiamento que vem alastrando o Brasil e sucateando a pesquisa científica de modo significativo há anos.

A ideia inicial da pesquisa era o enfoque em sete autoras mulheres que escreveram no período medieval. Havia uma pretensão em apontar de quais modos o Renascimento Medieval (que teve seu apogeu no decorrer do século XII) influenciou a escrita de mulheres autoras da Idade Média e os modos como essas mulheres lidaram com os discursos misóginos na época. Entendo, hoje, que se tratava de um projeto demasiadamente ambicioso para uma tese de doutorado. Não considero a ambição como algo negativo, desde que inserida dentro de um contexto de exequibilidade, o que não foi o caso inicialmente.

Assim sendo, iniciei meus estudos, com uma série de leituras sobre o período medieval, sobre autoria feminina, escrita feminina e sobre a vida e as obras das sete autoras que pretendia estudar. Ressalto o estudo das obras das sete autoras na íntegra, tendo em vista que isso, em muito, ajudou a definir o corpus do trabalho que aqui apresentei. No decorrer dos estudos, fui entendendo aquilo que hoje defendo veementemente: não se trata de Idade Média, única, uniforme, mas Idades Médias, dentro da perspectiva apresentada por Umberto Eco (2010), que

# **ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS**



***07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022***

fora anteriormente explanada na presente tese. Ora, me vi incorrendo em uma ignorância do senso comum, acreditando que um tempo histórico longuíssimo pudesse ser tratado como um grande conjunto, desconsiderando suas particularidades.

Achei interessante considerar que cheguei no entendimento de multiplicidade de Idades Médias no doutorado e que havia, posteriormente, entendido a multiplicidade de misoginias no decorrer do mestrado. Ora, o lugar de crítico literário comparatista é extremamente forte dentro de meu olhar acadêmico, e gostaria de registrar isso aqui considerando o meu entendimento de que nenhuma pesquisa, mais especificamente na grande área de Letras, Linguística e Artes, foge da subjetividade e de escolhas que passam por um crivo crítico pessoal e refinado (ao menos, assim espero).

Enquanto pesquisador que realiza pesquisas fronteiriças com a história há um certo tempo, me vi abismado com tamanho absurdo (o de considerar a Idade Média como um bloco único, digo) e passei a questionar a minha integridade intelectual e as falhas e méritos de minha formação. Isso me levou a ter um crivo mais crítico acerca dos equívocos de pesquisa, tanto os meus quanto os dos outros. Ora, entendo tamanha ignorância considerando que muito daquilo que se produz, dentro da academia e fora dela, considera conjuntos de tempo longos como uma unidade única. Entendo a peculiaridade de diferentes áreas de produção do conhecimento, mas, hoje, enquanto medievalista, entendo essa postura como inaceitável e profundamente ofensiva.

Não é porque estamos dentro da grande área de Letras, Linguística e Artes que se torna menos irresponsável ser incerto com datas, acontecimentos, registros históricos. Pelo contrário, considerando o cenário político e social no qual nos encontramos, com uma forte tendência para a regressão à valores tradicionais que cerceiam liberdades e amputam possíveis pluralidades, precisamos nos respaldar naquilo que é concreto e historicamente identificável, ao menos quando estamos tratando de pesquisa acadêmica.

Falta o estudo e o entendimento dos processos e das escolhas que moldam aquilo que é aceitável enquanto pesquisa científica, dentro da academia. Tive ótimos professores e mestres que alocaram essa discussão dentro de sala de aula, tanto na pós-graduação como na graduação,

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

mas, o fato é que essa discussão não permeia as PPCs de cursos de nível superior de modo significativo e ficam à mercê do juízo de alguns professores em trazê-las (as discussões há poucas mencionadas) para dentro da sala de aula. Muitas vezes, esse juízo não basta, considerando uma série de questões estruturais que compõem o ensino superior (e o básico, diga-se de passagem), no Brasil e no mundo.

A escolha pelas autoras Juliana de Norwich e Margery Kempe se deu por alguns motivos que cito abaixo. Primeiramente, uma inclinação pessoal e um olhar crítico subjetivo. Em outros termos, observei excepcionalidades na escrita dessas duas mulheres que não foram exploradas ou foram pouco exploradas por outros acadêmicos. A falta de tradução do texto *O livro de Margery Kempe* em língua portuguesa foi um fator determinante, considerando que minha pesquisa de doutorado, conforme anteriormente mencionado, se deu por conta de alguns incômodos pessoais, dentro dos quais é presente a inacessibilidade às obras de autoras mulheres do período medieval. Para além disso, dentro de uma perspectiva mais objetiva e estrutural, as autoras apresentam proximidade histórica, geográfica e temática, que resultam em materialidades textuais muito diferentes. Isso, em meu entendimento, configura um ótimo problema de pesquisa, que decidi investigar.

Para além disso, futuras considerações finais virão, considerando que a pesquisa de doutorado se encontra em andamento.

## Referências

BLOCH, R. H. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DRONKE, P. **Women writers of the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

DUBY, G. **As damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

ECO, U. **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos.** Alfradige, Publicações Dom Quixote, 2010.

FONSECA, P. C. L. **Mulher e misoginia na visão dos Padres da Igreja e do seu legado medieval:** estudo e leitura de textos fundamentais. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2017.

WILSON, K. (org.). **Medieval women writers.** University of Georgia Press: Athens, 1984.

LE GOFF, J. **A civilização do ocidente medieval.** Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

LE GOFF, J. Os intelectuais na Idade Média. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MANNE, K. **Down girl:** the logic of misogyny. New York: Oxford University Press, 2018.

THURER, S. **The myths of motherhood:** how culture reinvents the good mother. New York: Houghton Mifflin Company, 1994.